

As raízes tristes da alegria

Pippo Delbono está de regresso a Almada, com a sua companhia incondicional. Depois de, no ano passado, ter apresentado *Evangelho* no Teatro Nacional D. Maria II, o actor, encenador e realizador italiano sobe amanhã ao Palco Grande da Escola D. António da Costa com a sua mais recente criação, estreada em Março deste ano: *A alegria*.

Pippo Delbono esteve à conversa connosco, no mês passado. A edição que então fizemos dessa entrevista concedida por e-mail não poupou a nossa última pergunta e a respectiva resposta do criador italiano. Mas vasculhámos a caixa de entrada e recuperamo-las agora. No fundo, falámos sobre o futuro, sobre os projectos que tinha na gaveta. Nessa altura, perguntámos-lhe simplesmente: “Para onde vai Pippo Delbono?”. Ele retorquiu: “Nunca sei, mas agora sei menos do que nunca. A alegria e este momento que estou a viver são completamente novos para mim. Não é a primeira vez que enfrento a dor, o sofrimento, a dificuldade. Mas nunca como antes, nunca tão intensamente, nunca tão profundamente, nunca tão desligado de uma contingência. Não sei para onde vou, sinceramente”. A melancolia da resposta parecia entrar em conflito com a

proposição contida no título do espectáculo. Afinal, onde pára *A alegria*? Pippo Delbono desfaz os contra-sensos ao recordar o ponto de partida desta criação: a leitura de *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, “a história de um homem que, no seu leito de morte, revê toda a sua existência, toda a vacuidade, toda a dor, todo o sofrimento, todas as doenças, todas as ilusões, todas as frustrações, todos os medos, todas as angústias que viveu, com um olhar diferente, com um olhar sábio e alegre”.

A Europa “apagada”

É como se, para falar com propriedade de alegria, fosse preciso sobrepor-lhe uma lente escura, para ver se resiste. Para Pippo Delbono, a alegria não existe apenas como conquista. Existe como desejo e como desafio e, por vezes, surpreende tudo e todos ao trocar o conforto das capitais europeias pela pobreza de alguns lugares em



Foi na Índia, entre os mais pobres, que Delbono descobriu a alegria

África ou na Índia. Num lado, Pippo Delbono vê predominar “um ar apagado” apesar das condições de vida indiscutivelmente superiores; no outro, não consegue deixar de admirar a tenacidade com que a alegria se agarra aos corações da-

queles que sofrem com a miséria e a guerra. Essas dimensões também fazem parte do espectáculo que traz amanhã, ao Palco Grande da Escola D. António da Costa, às 22h, com a sua companhia de actores indefectíveis.

Yvette K. Centeno é homenageada amanhã

Yvette K. Centeno é a personalidade homenageada desta edição do Festival de Almada. Depois de já ter estado presente na inauguração da exposição *O pomar das romãzeiras*, que lhe é dedicada, a poetisa, tradutora e professora universitária jubilada volta a marcar presença no Palco Grande amanhã, pelas 22h, para a homenagem oficial. Antes do espectáculo *A alegria*, ser-lhe-á entregue uma escultura da autoria

de António Vidigal e haverá intervenções da presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês de Medeiros; da actriz Teresa Gafeira, fundadora da Companhia de Teatro de Almada; e de Carla Ferreira de Castro, professora auxiliar na Universidade de Évora. A exposição de homenagem, concebida por José Manuel Castanheira, continua patente no Átrio da Escola D. António da Costa, em Almada, até ao próximo dia 18 de Julho.



Pelo teatro de texto

Jean Bellorini, encenador de *Liliom* e director artístico do Théâtre Gérard Philipe, respondeu ontem às perguntas do público num colóquio muito participado.

A conversa foi moderada pelo jornalista Gonçalo Frota e a célebre máxima de Antoine Vitez, defensor de “*um teatro de elite para todos*”, teve honras de abertura. Jean Bellorini assume trabalhar no mesmo sentido, elevando a dificuldade e o

nível de exigência para actores e espectadores. *Liliom* ocupa, no entanto, um lugar especial no conjunto da sua carreira. É a sua terceira encenação do texto e mesmo esta, estreada em 2013, pouco antes de assumir a direcção do Théâtre Gérard Philipe, carrega consigo um passado. “*Se o criasse hoje, seria necessariamente outro*”, assume o encenador francês. “*Há coisas nas quais nos reconhecemos, outras nem por isso, mas para mim o espectáculo é como um ser vivo e tenho dificuldade em amputá-lo*”. Destacou, ainda assim, a beleza do texto de Molnár e, sobretudo, o modo como este sublima a palavra, abordando temas como a incompreensão e a violência dos



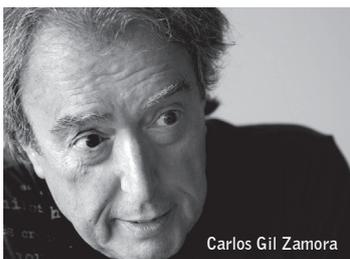
Rodrigo Francisco, Jean Bellorini e Gonçalo Frota

© Luana Ribeiro

homens sobre os homens. Falou ainda dos antecedentes deste espectáculo, estreado em Montpellier, de como os carrinhos de choque acabaram por conquistar o palco, e da influência que alguns filmes e a estética do cinema mudo exerceram sobre ele. Acerca do seu papel de encenador, Jean Bellorini teve a oportunidade de o comparar ao de um “*primeiro espectador*”. Considera que “*encenar é encontrar uma hipótese para uma obra*”

e reconhece a sua tendência para se “*apropriar de textos que não são, à partida, teatro*” – ao contrário do que aconteceu com *Liliom*. Uma das ideias pelas quais se bateu foi pela reivindicação de um teatro de texto, capaz de co-existir com o teatro pós-dramático e com o poder crescente da tecnologia. “*Não sei se o teatro serve para compreender o Mundo*”, rematou o encenador. “*Mas serve de certeza para colocar perguntas*”.

“O rigor também tem a sua clientela”



Carlos Gil Zamora

A *Folha Informativa* publica um excerto do artigo que Carlos Gil Zamora escreveu para a revista *Artez* no passado dia 9 de Julho.

A minha viagem a Lisboa é para assistir ao Festival de Almada, que estabelece um compromisso com as Artes Cénicas, lançando um olhar sobre a criação europeia de excelência. É o melhor festival da península ibérica. Concretizo: aqui em Almada, de onde escrevo, é onde vejo os espectáculos e as propostas mais importantes de cada ano do teatro universal, com a assina-

tura dos melhores dramaturgos e encenadores. E está a sofrer, outra vez, uma ameaça económica, mas mantém-se. Um detalhe: as suas plateias enchem-se em todas as representações, para ver obras em croata, esloveno, espanhol, francês ou inglês. Com legendas. Um exemplo. Os públicos sabem onde ir. E não é preciso produzir lixo populista para obter resultados de audiências. O rigor também tem a sua clientela. Aqui há convidados de meios de comunicação espanhóis, italianos, romenos, ingleses e um grande etc.. Acabam de chegar quatro directores e directoras de quatro festivais brasileiros muito importantes. Há actividades constantes. A programação é primorosa: *Arizona*, de Juan Carlos Rubio, na montagem mexicana do Teatro de Babel, dirigida por Ignacio García, foi muito bem recebida. No entanto, as circunstâncias da chegada de Trump ao poder transformaram-na mais num importante legado de denúncia. Eis as minhas circunstâncias. Vi esta montagem na sala pequena do Teatro María Guerrero, em Madrid, há cinco anos; em Miami há qua-



Arizona, de Juan Carlos Rubio

tro anos e agora em Almada. Vida longa às obras que dizem algo mais do que palavras, emoções e situações!

AGENDA DE AMANHÃ

0 SENTIDO DOS MESTRES

15:00 **Olga Roriz**
Casa da Cerca

TEATRO

18:00 e 21:00 **Nada de mim**
Teatro da Politécnica

MÚSICA

20:30 **Trio Motiv**
Escola D. António da Costa

TEATRO

21:30 **Carmen**
Teatro da Trindade

21:30 **Colónia penal**
Teatro do Bairro

22:00 **A alegria**
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

- Massa chinesa
- Sardinhas de escabeche c/ vinagre de framboesa
- Caril de legumes

AMANHÃ

- Fusili c/ salsicha picante e cogumelos
- Salada de bacalhau desfiado
- Lentilhas c/ beringelas grelhadas

